



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Identities, transnationality and violence: the case of Brazilians in Japan

Ivan Araújo Lima¹

Resumo: A discussão parte de dois acontecimentos aparentemente desconectados, o discurso do deputado federal Jair Bolsonaro proferido em abril de 2017, aonde o político ataca minorias étnicas e apresenta brasileiros de origem japonesa como “uma minoria exemplar”; e o assassinato da enfermeira japonesa Rika Okada, ocorrido no Japão, março de 2014, no qual a nipo-brasileira Kate Yuri Oishi foi apontada como culpada após entregar-se para as autoridades. Parte-se do princípio de que o segundo acontecimento, apesar de extremo, não representa uma exceção no sentido de que os brasileiros de origem japonesa, por vezes vistos como “exemplares” no Brasil, encontram-se em geral bastante marginalizados no contexto social japonês. Com o objetivo de compreender o que leva a esta “discrepância” analiso o fenômeno da imigração brasileira para o Japão como um tipo de *expulsão* que é característica do capitalismo neo-liberal, bem como a delicada condição destes imigrantes no país asiático.

Palavras-chave: *Dekasseguis*, Imigração, Transnacionalidade

Abstract: The discussion starts from two apparently disconnected events, federal congressman Jair Bolsonaro's speech pronounced in April 2017, where the politician attacks ethical minorities and presents Brazilians from Japanese origins as "an exemplary minority"; and the killing of the Japanese nurse Rika Okada, occurred in March 2014, Japan, in which Japanese-Brazilian Kate Yuri Oishi was found guilty after turning herself to the authorities. I start from the principle that the second event, despite being extreme, doesn't represent an exception in the sense that Brazilians from Japanese origins, sometimes seen as "exemplaries" in Brazil, generally find themselves marginalized a lot in the Japanese social context. With the objective of understanding what leads to this "discrepancy" I analyze the Brazilian migration to Japan phenomenon as a kind of eviction that's typical of neo-liberal capitalism, as well as the delicate condition of these immigrants in the Asian country.

Keywords: *Dekasseguis*, Immigration, Transnationality

Introdução: de Jair Bolsonaro à Kate Oishi

Em abril de 2017 um discurso político do deputado Jair Bolsonaro, à época no Partido Social Cristão (PSC)², proferido no clube *Hebraica*, na zona sul do Rio de Janeiro, ganhou repercussão nacional. Os trechos mais comentados foram aqueles nos quais Bolsonaro atacou minorias étnicas e sociais. O congressista desdenhou de manifestantes judeus a ele contrários

¹ Graduado em História pela Universidade Federal do Paraná. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Bolsista de Mestrado da CAPES. Email: ivanaraujolina26@gmail.com

² De acordo com seu website, o PSC possui pautas programáticas a redução da maioria penal, posição contrária à legalização do aborto e legalização das drogas e defesa do voto facultativo. Disponível em: <<http://www.psc.org.br/missao-valores/>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

chamando-os de “cérebro de ovo cozido” e dirigiu-se explicitamente contra indígenas e quilombolas, afirmando que os primeiros não mereciam um centímetro de terra demarcada pelo governo e que os segundos não serviriam “nem para procriar”. A seguir, depois de afirmar que o Brasil não deveria abrir as portas aos refugiados de qualquer parte, Bolsonaro apontou o que para ele seria uma minoria exemplar. “Alguém já viu algum japonês pedindo esmola? É uma raça que tem vergonha na cara!” afirmou. Polêmica, a postura assumida pelo deputado posteriormente lhe rendeu uma condenação por “danos morais”³. Ao mesmo tempo, as categorias por ele utilizadas são bastante familiares à quase todos. Especificamente acerca daqueles que chamou de “japoneses”, Bolsonaro reproduziu o que alguns pesquisadores classificam como o “mito da minoria modelo”⁴.

O historiador Jeffrey Lesser é um dos autores que investigou a construção de do mito da “minoria modelo” no Brasil. Aponta que os imigrantes que chegaram ao país tentaram tonar-se parte integrante do imaginário de nação brasileira moderna, e para tal desafiaram a ideia então vigente do que era considerado um “brasileiro”. Entre os imigrantes não-europeus, existia uma certa noção de “sentir-se diferente”, uma vez que eles não se encaixavam no clássico “mito das três raças”. Segundo Lesser, suas experiências frequentemente os fizeram perceber que tinham mais a ganhar abraçando tanto a identidade brasileira uniforme, como a identidade pré-migratória imaginada⁵.

Partindo do princípio de que, pelas características históricas de mestiçagem e exclusão social de afro-brasileiros, o jogo de negociações étnicas no Brasil tendia a fazer indivíduos ou grupos situarem-se em algum ponto de uma espécie de “*continuum* branco-preto”, Lesser afirma que entre as estratégias identitárias escolhidas pelos não-europeus na sua auto-representação estava a de propor que o Brasil poderia tornar-se melhor tornando-se mais “japonês” ou “árabe”, associando-se assim de certa maneira a uma “brancura” que relacionava identificação étnica com condição de classe social. Ressalta que “esses imigrantes buscavam interpretar o status de classe como uma marca da identidade brasileira, permitindo que a etnicidade fosse mantida, mesmo que sua importância fosse descartada”⁶.

³Posteriormente, Jair Bolsonaro foi condenado pela 26ª Vara Federal a pagar uma multa de 50 mil reais por danos morais aos indígenas e quilombolas. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2017/10/03/jair-bolsonaro-e-condenado-por-discurso-preconceituoso-contr-quilombolas.htm>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁴DOLZAN, Márcio. ‘Não podemos abrir as portas para todo mundo’ diz Bolsonaro em palestra na Hebraica. *O Estado de S. Paulo*. 03/04/2017. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-podemos-abrir-as-portas-para-todo-mundo-diz-bolsonaro-em-palestra-na-hebraica,70001725522>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁵LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001, p. 19

⁶*Ibid.*, p. 20

No caso específico dos imigrantes japoneses, Lesser ressalta que a fascinação com o país de origem destes foi essencial para que os governos brasileiros, mesmo com ressalvas, aceitassem um fluxo contínuo de não-brancos chegando ao país. O discurso brasileiro sobre a imigração japonesa combinava o medo social da “mongolização” como um entrave ao desejo de branqueamento da população nacional e a vontade de reproduzir no Brasil um modelo de acelerado desenvolvimento econômico e social de uma nação não europeia como Japão. Entre os argumentos utilizados por um diplomata japonês interessado em promover a imigração nipônica no Brasil perante as autoridades brasileiras no fim do século XIX estava o de que os asiáticos seriam aquilo que europeus não eram, “quietos, trabalhadores e ansiosos para se tornarem brasileiros”⁷.

Passados aproximadamente quarenta anos do auge da entrada de japoneses no Brasil, já na década de 1970, estavam os *nikkeis*⁸ largamente inseridos nas classes médias do país⁹, o que se verifica a partir da sobre-representação do grupo nas universidades. No Estado de São Paulo, a população de origem japonesa representava 2% do total e 10% dos estudantes universitários¹⁰. Sem ignorar a conotação específica que possuiu quando dita no *Hebraica*, podemos associar a frase proferida por Bolsonaro à uma propaganda da Semp Toshiba que teve por slogan o lema “os nossos japoneses são mais criativos que os japoneses dos outros”. De significado semelhante, um anúncio feito pelo banco Bamerindus, dizia que “precisamos de mais brasileiros como os japoneses”. Analisando ambas, Lesser afirma que nipo-brasileiros comumente aceitaram uma identidade que faz com que eles não sejam os “brasileiros do presente” e sim os “brasileiros do futuro”, relacionando desta forma sua condição étnica com um ideário de progresso característico do país. Conclui o autor que a “estrangeirice” foi exatamente o que tornou os descendentes de japoneses tão tipicamente brasileiros¹¹.

Estas múltiplas negociações identitárias, que atravessam os anos e se transformam de acordo com novos fatores sociais existentes, expressam o caráter fortemente político presente no momento em que dado indivíduo se define ou é definido como pertencente a um grupo étnico ou nacional, a determinado grupo religioso, ou a partir de seu gênero. Por trás de uma definição, se escondem um sem fim de subjetividades e possibilidades que, se vistos ao detalhe, fazem

⁷*Ibid.*, p. 154

⁸*Nikkei* é um termo utilizado para descrever pessoas de etnia japonesa nascidas fora do Japão

⁹CARDOSO, Ruth. *Estrutura familiar mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada, 1998

¹⁰LESSER, Jeffrey. *Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e o significado da militância étnica (1960-1980)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 45.

¹¹*Ibid.*, p. 29

com que seus limites tênues se complexifiquem espiralmente. Um episódio ocorrido em 2014 no Japão permite compreender a discussão aqui proposta.

No dia 21 de março do referido ano foi dada como desaparecida a enfermeira japonesa Rika Okada, na cidade de Osaka. Quase dois meses depois, seu corpo foi achado em pedaços dentro de uma caixa em um depósito em Tóquio, tendo sido ali deixado por um serviço de entrega. O estabelecimento estava no nome de uma nipo-brasileira, Kate Yuri Oishi, então com 30 anos¹². Oishi acabou por se entregar as autoridades em Pequim, pouco tempo depois do corpo ter sido descoberto. A brasileira viajou até a China com o passaporte de Okada, tendo também realizado diversas transações em cartões de crédito pertencentes a enfermeira. No decorrer das investigações, constatou-se que Oishi era uma amiga que Okada não via há anos. Ambas se conheceram em 2002, quando estavam no Ensino Médio. Um detalhe essencial para a compreensão do caso é o de que a polícia averiguou que, ainda que tivesse vivido a maior parte de sua vida no Japão, Oishi estava desde 2004 em situação irregular no país¹³.

Posteriormente, Oishi confessou o crime e acabou por ser extraditada para cumprir pena no Japão. A brasileira afirmou que em 2013 percebeu as complicações de sua situação legal no país asiático e com isso “ficou com a ideia fixa de que seria deportada”. De acordo com a autora do crime, “a única amiga com idade próxima e com passaporte japonês era a Okada-san. Pensei em matá-la e pedi para marcarmos um encontro”¹⁴. Oishi se estabeleceu no Japão junto com os pais, que foram lá trabalhar quando tinha ela tinha sete anos de idade. Procurada pela imprensa, a família se mostrou chocada com o acontecido e revelou que não dispunha notícias acerca de Oishi há mais de três anos¹⁵.

A repercussão do caso foi grande no Japão e no Brasil. Muito enfoque foi dado para a excepcional crueldade do crime. O assassinato foi justificado pela criminosa como uma busca por *roubar uma identidade*. Estou considerando esta tentativa como algo mais amplo do que a obtenção de um documento. A princípio, um episódio como este pode contrastar frontalmente com aquilo que foi dito por Jair Bolsonaro acerca dos “japoneses”, ou melhor, sobre um certo tipo de brasileiros. No entanto, se a fala do congressista é uma reprodução extremada do jogo

¹²BBC BRASIL. Brasileira acusada de crime no Japão tem destino incerto. *Terra*. 28/05/2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasileira-suspeita-de-crime-no-japao-tem-destino-incerto,1773bea091246410VgnCLD200000b0bf46d0RCRD.html>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

¹³PORTAL MIE. Brasileira confessa assassinato da amiga japonesa em nome de um sonho. *Portal Mie*. 24/03/2017 Disponível em: <<http://www.portalmie.com/atualidade/noticias-do-japao/crime/2017/03/brasileira-confessa-o-assassinato-da-amiga-japonesa-em-nome-de-um-sonho/>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

¹⁴Idem

¹⁵SARMENTO, Cláudia. No Japão, brasileira é suspeita de matar e esconder corpo de enfermeira em container. *O Globo*. 28/06/2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/no-japao-brasileira-suspeita-de-matar-esconder-corpo-de-enfermeira-em-container-12629198>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

político das identidades étnicas no Brasil, o ato de Kate Oishi é também uma - ainda mais - extremada atitude que se conecta ao mesmo jogo, agora jogado em um tabuleiro ampliado que se encontra no plano do transnacional.

Neste sentido, os casos, apesar de peculiares, não devem ser enxergados nem como excepcionais em sua gênese (ainda que talvez em seu resultado) nem como conflitantes, no sentido de representarem aquilo que aparentemente são opostos de um imaginário construído acerca de determinado grupo. Para tal, realizarei inicialmente uma breve explanação sobre do fenômeno da imigração brasileira no Japão, buscando colocá-la como expressão particular de um fenômeno contemporâneo do capitalismo global que Sassen classificará como de “expulsões”. A seguir, passarei a alguns comentários acerca da experiência destes imigrantes, enfocando-me na situação dos jovens brasileiros no Japão. As relacionarei com teorias de Balibar relativos à produção de determinadas identidades, buscando entender como em uma mesma construção identitária, a ambiguidade produzida não deixa de ser de alguma maneira complementar ao processo como um todo, afastando-nos do essencialismo que se encontra tão presente no senso comum. Ao longo destas reconstruções, as fronteiras do étnico, do nacional e do cultural tornam-se difusas. Esta é a razão pela qual julgo a discussão pertinente.

Expulsões para o Japão

Estimativas apontam que o número de pessoas de origem japonesa no Brasil varia entre 1,5 e 2 milhões de pessoas, estatística que torna o Brasil o país com o maior número de *nikkeis* no mundo¹⁶. Por motivos como este, os brasileiros costumam a enxergar o seu país como um grande receptor de imigrantes. É menos difundida entre os brasileiros a visão de que seu país é também um país de imigrados. O fluxo migratório contínuo de saída de trabalhadores do Brasil é recente, podemos situar seu início entre o fim dos anos 1970 e início dos 1980. Dados do Itamaraty de 2015 estimaram em aproximadamente 3 milhões o número de brasileiros expatriados, o que representa aproximadamente 1,5% da população nacional. As mesmas estatísticas apontavam em pouco mais de 170.000 o número de brasileiros que viviam no Japão. O país do leste asiático é o terceiro com o maior número de imigrantes brasileiros no mundo,

¹⁶MUNDO NIPO. Os seis países com a maior população de japoneses e descendentes fora do Japão. *Mundo Nipo*. 15/08/2013. Disponível em: <<http://mundo-nipo.com/cultura-japonesa/curiosidade/15/08/2013/os-seis-paises-com-a-maior-populacao-de-japoneses-e-descendentes-fora-do-japao/>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

atrás apenas de Estados Unidos e Paraguai¹⁷. A característica imediatamente mais perceptível acerca do brasileiro no Japão, que talvez o destaque em relação a outras comunidades de brasileiros expatriados, é que este na maioria dos casos tem descendência japonesa. Logo, falar de “japoneses no Brasil” e “brasileiros no Japão” geralmente significa falar da população nipo-brasileira.

O crescimento de brasileiros em solo nipônico foi exponencial a partir do fim dos anos 1980. Em 1985, a comunidade brasileira somava menos de 2 mil pessoas, em 1988 passou para pouco mais de 4 mil, em 1989 já superava 14 mil, no ano seguinte mais de 56 mil, e em 1991 passava da casa dos 119 mil¹⁸. Os números continuaram subindo continuamente até atingirem o pico estimado de 312 mil pessoas em 2008¹⁹. Desde os anos 1990 os brasileiros constituem o terceiro maior contingente de estrangeiros vivendo no Japão, atrás apenas de coreanos e chineses. Kawamura aponta que as causas principais para que uma pessoa decida deixar o seu país costumam ser busca por melhores condições de vida e salários mais altos. A dinâmica da migração internacional de trabalhadores, que nos permite analisar de onde vem e para onde vão os imigrantes, é sempre resultado de uma soma de fatores econômicos, políticos e culturais dos países envolvidos²⁰.

Segundo a mesma socióloga, a partir dos anos 1980, a maior facilitação nos meios de transporte foi tão importante para a difusão de migrantes pelo mundo quanto questões políticas e socioeconômicas. A mídia também cumpriu - e segue cumprindo - um papel central para intensificar este fluxo, divulgando padrões de vida e de consumo elevados para boa parte dos países do mundo. O movimento se conclui a partir da carência de mão de obra em algum país receptor, normalmente “desenvolvido”, em postos de trabalho não desejados por sua população nativa. Para diversas empresas acaba existindo um custo-benefício em atrair trabalhadores de países “periféricos”, pagando-lhes salários baixos. Este tipo de migração internacional frequentemente possui um caráter temporário ou clandestino, uma vez que na maioria dos casos é desejo do trabalhador retornar ao seu país de origem²¹.

¹⁷Dados retirados de: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/Estimativas%20RCN%202015%20-%20Atualizado.pdf>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

¹⁸SASAKI, Elisa. Dekasseguis: migrantes brasileiros no Japão. In: *Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*, 1998, p. 584.

¹⁹ALVES, Murilo Rodrigues. Japão volta a atrair imigrante brasileiro. *O Estado de São Paulo*. 02/04/2016. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,japao-volta-a-atrair-imigrante-brasileiro,10000024376>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

²⁰KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros?* Campinas: Editora Unicamp, 2003, p. 49.

²¹*Ibid.*, p. 53-56

O caso específico da entrada de brasileiros no Japão se relaciona portanto com as condições econômicas e políticas dos dois países dentro de uma conjuntura de reorganização do capitalismo global. Kawamura ressalta que as economias leste-asiáticas cresceram rapidamente a partir dos anos 1970, o que gerou uma grande demanda por mão-de-obra. O Japão em especial experimentou crescimento de PIB em ritmo acelerado, mas sofria com carência de população jovem e baixa inserção de mulheres economicamente ativas no mercado de trabalho. Enquanto grandes empresas paulatinamente passavam a realizar sua produção no exterior, em países onde a mão-de-obra era mais barata, as de pequeno e médio porte não tinham o contingente desejado de trabalhadores. Estas não tinham tecnologia para competir com as maiores, ou mesmo, não podiam prescindir do "trabalho humano"²².

Portanto, é a escassez de mão-de-obra que fez com que a partir dos anos 1980 empresários pressionassem o governo japonês no sentido de realizar mudanças nas políticas migratórias, visando facilitar a entrada de trabalhadores estrangeiros no país. A partir da multiplicação de imigrantes ilegais no Japão – notadamente vindos de China, Filipinas, Coreia, Sudeste Asiático, Irã e Paquistão – o Estado decidiu intervir promulgando em 1990 a chamada *Reforma de Lei de Controle de Imigração*. Se por um lado a nova legislação tornou mais rígidas as punições às empresas que contratavam estrangeiros ilegalmente, por outro facilitou a entrada de determinado contingente de imigrantes. A medida garantiu cidadania japonesa aos filhos de imigrantes japoneses que partiram para o exterior (nisseis) e possibilitou também que os netos destes (sanseis) tivessem direito a um visto de trabalho. Autorizou-se também a entrada de familiares, conjugues e filhos de nisseis e sanseis, como acompanhantes²³.

Os brasileiros foram os que mais se aproveitaram desta flexibilização para tentar a sorte no Japão, seguidos dos peruanos. Em menor escala, também imigraram argentinos, bolivianos, colombianos e paraguaios. Sasaki afirma que a tentativa de atrair latino-americanos de descendência japonesa visava manter uma oferta de mão-de-obra barata sem diversificar etnicamente o país. O governo japonês esperava que os nipo-latino-americanos fossem culturalmente adaptáveis ao Japão do final do século XX e que não teriam maiores problemas em aderir ao modelo japonês de produção. Segundo Yamanaka as medidas sugeriram que “a manutenção da homogeneidade cultural e racial é a maior preocupação dos políticos” e que portanto “os *nikkeis* são aceitáveis porque, como parentes de japoneses, eles seriam capazes de assimilar a sociedade japonesa sem considerar a nacionalidade”²⁴.

²²*Ibid.*, p. 58-62

²³*Ibid.*, p. 71

²⁴SASAKI, op. cit. p. 588-9

Kawamura aponta que a migração brasileira para o Japão faz parte de um processo que levou muitos brasileiros a buscarem oportunidades também nos Estados Unidos e na Europa, visando saídas individuais para as crises econômicas no país. O número de brasileiros no Japão cresceu em quase 100% entre 1990 e 1991, o que se explica não apenas pela mencionada reforma nas leis imigratórias do país asiático, mas igualmente, por medidas como o confisco das poupanças durante o governo Collor no Brasil. Outros fatores que incentivaram muitos a tomar a decisão de deixar o país foram: sequelas da crise do petróleo, alta da inflação e dos juros, aumento crescente de dívida externa, índices elevados de desemprego e quedas no preço de *commodities*²⁵.

A autora ressalta também que os governos nacionais latino-americanos de um modo geral responderam a tais problemas com medidas neoliberais, privatizações, redução da máquina estatal, cumprimento de exigências do FMI e redução em gastos sociais²⁶. Segundo Harvey, na década de 1980 a América Latina passou por uma “varredura” em diversas de suas economias, resgatadas pelo capital financeiro estadunidense. Originam-se destas recessões os ajustes estruturais posteriormente impostos pelo FMI e perdas de direitos como consequência de processos de privatização²⁷. De acordo com o geógrafo este panorama se inseria dentro daquilo que o autor definiu como “hegemonia neoliberal”, um período iniciado em 1970 no qual o capitalismo global tendeu a uma crescente financeirização ao seu ver capitaneada essencialmente pelos Estados Unidos. Na visão de Harvey, os norte-americanos fizeram valer sua posição de principal potência do globo para obter, através da influência na OMC e no FMI, vantagens expressivas para suas exportações, importações e instituições financeiras, o que frequentemente significava abertura rigorosa de mercados em países do chamado “Sul global”²⁸.

Fluxos migratórios decorrentes deste fenômeno - como o de brasileiros para o Japão - se encaixam naquilo que Sassen prefere chamar de *expulsões*. Segundo a autora, os processos de *expulsões* são incrivelmente agudos, e se verificam atualmente em cada um dos países do mundo, tendo no entanto diferentes efeitos de acordo com a situação socioeconômica destas. Considera ela que tanto o empobrecimento das classes médias em países ricos quanto a multiplicação de refugiados afegãos pela Europa podem ser considerados parte destas *expulsões*. Sua dinâmica encontra raízes em uma reorganização das economias capitalistas do

²⁵KAWAMURA, op. cit. p. 68

²⁶Idem

²⁷HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 61.

²⁸*Ibid.*, p. 35

“Norte” e do “Sul” globais iniciada nos anos 1980, como as que foram apresentadas para a América Latina daquela década. A autora não procura atribuir estas medidas ao interesse exclusivo de algum Estado ou de grupos de sujeitos, mas sim a um complexo sistema “que combina pessoas, redes e máquinas, sem ter um centro visível”.

Os imigrantes expulsos por estas medidas, aponta a socióloga, passaram a efetuar enormes remessas de dinheiro para seus países de origem que correspondem a um valor maior que a ajuda externa de outros países ou órgãos²⁹. Segundo Rossini, um relatório da ONU constatou que a remessa anual de dinheiro enviado por imigrantes para seus países de origem é a segunda maior *indústria* do mundo, atrás apenas da do petróleo³⁰. No caso do Brasil, Kawamura afirma que ao fim da primeira década do novo milênio o valor anual das remessas enviadas por brasileiros no exterior superava o obtido anualmente com exportações de café³¹.

Identidade *dekasegui*

Segundo Sasaki, foi característica de muitos imigrantes brasileiros no Japão uma dupla ideia de “mito do retorno”. Em um primeiro momento - principalmente nos casos das primeiras levadas de imigrantes - a decisão de partir para o Japão era carregada de uma certa romantização de retorno a terra dos ancestrais. Ao perceber-se estrangeiro no novo país, passa-se a romantizar uma volta ao país natal³². Um de seus entrevistados afirmou que “ninguém troca o Japão pelo Brasil entende? Apesar de ter traços de japonês eu sou brasileiro. O Brasil já está dentro da gente. Agora, o Japão é uma coisa nova, você vai pra lá por interesse. Então você sempre vai pensar em retornar para cá [Brasil]”³³.

A reportagem inicial de uma série especial da *BBC Brasil* publicada em 2015 acerca dos 25 anos de imigração brasileira no Japão incluiu o depoimento do jornalista Ewerthon Tobace, que se mudou para o país asiático em 2001 e passou a trabalhar com um jornal ligado à comunidade brasileira. Falando sobre sua experiência, Tobace afirma que no Brasil “é muito comum sermos chamados de japoneses e haver uma “pressão” da sociedade para nos

²⁹*Ibid.*, p. 109-10

³⁰ROSSINI, R. E. Lugar para viver é aqui. Lugar para sobreviver é lá: Migração internacional do Brasil para o Japão. In: *XII Encontro Nacional de estudos populacionais*, 2000, Caxambu. Anais. Caxambu: ABEP, 2000, p. 1

³¹KAWAMURA, op. cit., p. 69

³²SASAKI, op. cit., p. 590

³³*Ibid.*, p. 591

comportarmos como um verdadeiro nipônico. Mas no país dos meus pais fui descobrir que sou mesmo 100% brasileiro, pelo meu jeito de pensar, de agir e, claro, pelo meu idioma materno”³⁴.

Em meio ao fluxo de imigrantes, um complexo jogo de identidades ambíguas se constrói, revelando seu caráter volátil. Cabe portanto conceituar o que aqui está sendo entendido como identidade. Para tal, me utilizarei das três teses de Balibar acerca dos limites da construção de uma identidade. Parte o autor do princípio inicial de que toda identidade é fundamentalmente "transindividual", o que significa que não é nem puramente individual, nem puramente coletiva. Ou seja, o que se chama de "eu" pode ser na melhor das hipóteses vivido como absolutamente singular, um fundo de existência próprio que não se reduz a modelo nenhum, mas que não deixa de estar construído por um sistema de relações sociais, reais e simbólicas. Sua segunda asserção é a de que devemos falar mais de identificações e processos de identificação do que de identidades, pois nenhuma identidade é dada e nem adquirida de uma vez só e para sempre, e sim o resultado de um processo eternamente desigual de construções arriscadas que exigem garantias simbólicas razoavelmente fortes. Acredita por fim que toda a identidade é ambígua, ou seja, nenhum indivíduo é portador de uma identidade única, mas combina várias identidades desigualmente conflitivas³⁵.

Acerca das identidades nacionais, Balibar ressalta que estas são fundamentalmente “pejorativas” no sentido de que é grande a possibilidade de seus destinatários não corresponderem a todos os essencialismos nela incluídos³⁶. A seu ver, a nação busca ser uma instituição produtora de individualidades, mas não tem condições de atingir seus ideais por completo. Balibar afirma que a identidade nacional se relaciona com a criação de uma “etnicidade fictícia”. Não há nação sem qualquer pluralidade étnica, mas as nações sempre buscam sua diferenciação em determinados traços perceptíveis. Portanto, não há processo de identificação, seja nacional ou não, que não se dê a partir da construção de hierarquias através de modos de pertencer. Balibar ressalta que um dos efeitos destas identificações pode ser o racismo, que encontra uma de suas expressões na exclusão de “novos pobres”, estigmatizados pela exterioridade nacional ou cultural que se afasta de algo autêntico³⁷.

Logo, cabe identificar quais são alguns dos processos de identificação que podem influir na construção identitária dos brasileiros vivendo no Japão, levando também em conta os

³⁴TOBACE, Ewerthon. ‘No Japão, terra dos meus pais, descobri que sou 100% brasileiro’. *BBC Brasil*. 01/06/2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150512_depoimento_decassegui_ewerton_lab>. Acesso em 26 de abril de 2018.

³⁵BALIBAR, Etienne. *Violencias, identidades y civilidad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005, p.38-9.

³⁶*Ibid*, p. 62-3

³⁷*Ibid*., p. 72-5

mecanismos que possibilitaram construções identitárias para “japoneses” no Brasil. Frequentemente, os brasileiros no Japão são chamados de *dekasseguis*. Sasaki explica que o termo *dekassegui* significa algo como *trabalhar fora de casa*. Originalmente foi uma maneira pejorativa de descrever migrantes do norte do Japão que nos períodos do inverno deixavam o campo para trabalhar temporariamente no setor industrial de alguma região economicamente mais desenvolvida. Posteriormente, foi atribuído aos trabalhadores brasileiros no país, uma vez que estes normalmente ocupavam algum trabalho pesado no setor industrial, visando rapidamente ganhar dinheiro e retornar ao país natal³⁸.

Os trabalhos ocupados pelos *dekasseguis* normalmente exigem pouca qualificação e são popularmente chamados no Japão de “3K”, sigla para *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso). Os brasileiros tornaram-se ocupantes em massa deste tipo de emprego e, de acordo com Beltrão e Sugahara, adicionaram outros dois “K” à gíria, *kibishi* (exigente) e *kirai* (detestável)³⁹. Alguns números levantados por estes autores ajudam a entender o panorama médio do brasileiro vivendo no Japão. De acordo com sua pesquisa, 22% dos homens e uma porcentagem ínfima das mulheres trabalhava como “operário” no Brasil. No Japão, estes números são de aproximadamente 90% para os homens e 70% para as mulheres⁴⁰. Segundo Rossini, perto do fim dos anos 1990 o salário líquido de trabalhadores brasileiros variava entre 1.200 e 2.000 dólares, dos quais se poupavam entre 500 e 1.000 para enviar ao Brasil. Os dados indicam um cotidiano era de bastante privação, considerando o alto custo de vida no Japão. A autora ressalta que é comum que brasileiros abusem de horas extras para juntar a maior quantidade possível de dinheiro⁴¹. De fato, Beltrão e Sugahara constataam que o período mediano de trabalho semanal do brasileiro no Japão é de 60 horas, 50% a mais do que a legislação brasileira permitia na época da pesquisa⁴².

Rossini afirma que as empresas japonesas não costumam investir na qualificação de imigrantes brasileiros, uma vez que estes normalmente desejam retornar o mais breve possível ao país de origem⁴³. O comportamento dos trabalhadores brasileiros, de acordo com Kawamura, em muitos casos gera certa frustração entre empresários japoneses. Em sua maioria, estes assemelham-se fisicamente aos nativos e possuem em sua criação alguma influência daquele

³⁸SASAKI, op. cit. p. 577

³⁹BELTRÃO, Kaizô, SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: *dekasseguis* brasileiros no Japão. *Rev. Brasileira de estudos populacionais*, 2006, vol.23, n.1, p. 62.

⁴⁰*Ibid.*, p. 66

⁴¹ROSSINI, op. cit., p. 11

⁴²BELTRÃO; SUGAHARA op. cit., p. 80

⁴³ROSSINI, op. cit., p. 4

país, mas culturalmente distanciam-se notadamente dos trabalhadores locais⁴⁴. Uma das principais fontes de descontentamento advém do fato de que no Japão é comum que os trabalhadores tenham muita fidelidade à empresa na qual trabalham, apresentando baixíssima rotatividade de posições e permitindo grande influência da companhia na sua vida familiar. Os brasileiros no entanto buscam a melhor oportunidade de emprego possível para conseguir juntar mais dinheiro, realizar as remessas para a família e poder retornar ao país natal.

Neste processo, a adaptação aos costumes locais muitas vezes fica em segundo plano. No levantamento feito por Beltrão e Sugahara constatou-se que apenas 20,8% dos homens e 14,4% das mulheres declararam falar bem o idioma japonês. Os índices de leitura são ainda mais baixos, respectivamente 4,1% e 6,1%. Além disso, apenas 5,8% dos homens e 6,8% entre das mulheres declarou pretender radicar-se definitivamente no Japão. Saudades do Brasil, desconhecimento da língua, discriminação e excesso de trabalho são apontadas como algumas das maiores dificuldades no Japão⁴⁵.

Talvez os brasileiros em situação mais frágil no país asiático sejam os jovens. Beltrão e Sugahara constataram que pouco mais de 10% dos brasileiros vivendo no Japão possui menos de 20 anos⁴⁶. Para os padrões japoneses, as taxas de criminalidade entre brasileiros desta faixa etária são altas. Frequentemente, jovens brasileiros aparecem nas estatísticas anuais como o grupo de menores estrangeiros com mais casos de detenção e delinquência. O ápice do número de inquéritos abertos contra jovens brasileiros no Japão foi de 406 em 2002⁴⁷. O número de ocorrências em 2014 foi de 87⁴⁸, confirmando uma forte tendência à queda nos últimos anos, que se explica tanto pela grande diminuição do número de brasileiros naquele país, quanto pela constituição de uma “comunidade brasileira” mais sólida que ajuda na adaptação ao novo ambiente e por preocupação das famílias com o problema. Ainda assim, a questão tem apresentado uma incômoda continuidade estrutural, que além de revelar a dificuldade de jovens latino-americanos em adaptar-se à vida no Leste Asiático, ajuda a marginalizar este grupo naquele país. Uma reportagem de 2015 apontou que o Japão era o segundo país com o maior número de brasileiros presos no exterior - eram 397, apenas dez a menos que nos Estados

⁴⁴KAWAMURA, op. cit., p 135.

⁴⁵BELTRÃO; SUGAHARA op. cit., p. 70-7

⁴⁶*Ibid.*, p. 64

⁴⁷JORNAL NIPPAK. Jovens brasileiros deixam topo do ranking de crimes no Japão após uma década de liderança. *Jornal Nippak*. 13/04/2012. Disponível em: <<http://www.portalnikkei.com.br/japaocomunidade-brasileira-jovens-brasileiros-deixam-topo-do-ranking-de-crimes-no-japao-apos-uma-decada-de-lideranca/>>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁴⁸Macêdo, Nathan Bueno, and Letícia Nuñez Almeida. "Dekasseguis e as Penitenciárias: pesquisando as fronteiras entre o Brasil e o Japão." *RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade* 1.02, 2015, p. 324.

Unidos - e que a maior parte destes detidos é jovem⁴⁹. É quase consenso entre pesquisadores que o problema tem como causa principal a dificuldade de jovens brasileiros em inserirem-se no sistema educacional japonês.

Kawamura se dedicou a analisar esta questão em detalhes. De acordo com a autora, é essencial se ter em conta que crianças e adolescentes normalmente integram o processo migratório na situação de *acompanhantes* dos pais. Afirma ela que no Japão há uma grande integração entre moradia e escolas, que costuma a ter na figura da mãe seu principal elo de ligação. Estão previstas no calendário escolar atividades como reuniões de pais e mestres, comemorações esportivas, artísticas e folclóricas e grupos de trabalho específicos. É também comum que professores visitem as casas dos alunos e que a escola controle o deslocamento de seus integrantes⁵⁰.

No entanto, o contato com famílias brasileiras acaba prejudicado. Os pais normalmente estão excessivamente ocupados com o trabalho e não tem o tempo necessário para atender ao que a escola exige, o que costuma a ocorrer apenas em casos de problemas graves. Além disso, normalmente não possuem a capacitação necessária para potencializar a educação dos filhos como a instituição escolar espera, uma vez que em geral não tem o domínio da língua nipônica ou o background cultural dos pais japoneses. Uma das soluções encontradas pelos brasileiros foi a construção - a partir da segunda metade da década de 1990 - das “escolas brasileiras”. Apesar de oferecerem um bom preparo para o jovem, sobretudo em caso de retorno ao país natal e do convívio com crianças e adolescentes em situação semelhante, estas instituições geralmente acarretam em custo considerável, tornando-se inacessíveis para parte das famílias⁵¹. Além do que, “escolas brasileiras” convivem com problemas rotineiros de evasão, devido a mudança de local de trabalho ou perda de emprego dos pais, falta de espaço e materiais e carência de professores, além de contribuir para o afastamento destes jovens dos de nacionalidade japonesa⁵².

Para os que integram o sistema público japonês as dificuldades podem ser imensas. As regras internas das escolas, em comparação às instituições brasileiras, são rígidas. Segundo o sociólogo Teruhisa Horio estudar no Japão significa estar em “estado de guerra”, uma vez que os alunos são “publicamente catalogados conforme o lugar que ocupam na competição”,

⁴⁹ TOBACE, Ewerthon. Policiais aprendem português para enfrentar criminalidade brasileira no Japão. *BBC Brasil*. 02/06/2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150518_decassegui_violencia_et_lab>. Acesso em 26 de abril de 2018.

⁵⁰KAWAMURA, op. cit. p. 193-196

⁵¹*Ibid.*, p. 193-197

⁵²*Ibid.*, p. 224-5

levando à formação de constantes rivalidades entre eles, que encontram nas práticas de violência e nos muitos casos de suicídio juvenil duas de suas expressões mais graves. A condição de estrangeiro pode acirrar estas questões, uma vez que as escolas japonesas raramente reavaliam seu sistema a partir da presença de um aluno de outro país.

Algumas das práticas comuns em escolas japonesas que podem dificultar a adaptação dos alunos brasileiros são a rigorosa dos materiais escolares antes das aulas, exercícios físicos repetidos à exaustão visando a aprendizagem adequada e fiscalização constante de uniformes e padrões de aparência por parte de professores e funcionários da escola. Os pais brasileiros em muitos casos consideram estas cobranças exageradas, mas acabam por não orientar os filhos acerca do comportamento adequado, até por não entenderem os avisos emitidos pela escola, escritos em japonês⁵³. Kawakura constata que estes fatores levaram a um grave problema de abandono escolar por parte dos alunos brasileiros. Dados mostraram dos 30 mil brasileiros com idade inferior a 14 anos vivendo no Japão, 23 mil não estavam estudando. Muitos destes jovens passam o dia perambulando pelas ruas das cidades em espaços públicos de lazer e uma parte deles acaba se associando a gangues e praticando atos de delinquência⁵⁴.

Conclusão: efeitos da transnacionalidade

Ao falar sobre o documentário *Andorinhas Solitárias*, filme lançado em 2012 que apresenta duras experiências enfrentadas por cinco jovens brasileiros no Japão, o sociólogo Angelo Ishi afirmou que a obra é sensacionalista “por ignorar e omitir as andorinhas menos agitadas, cujas feridas são menos visíveis, e que enfrentarão em breve as noites solitárias de hora-extra numa fábrica e a eterna procura de um sentido para suas vidas”⁵⁵. Segundo o autor, o problema de *Andorinhas Solitárias* não foi apresentar a trajetória de jovens que não deram certo, mas sim ignorar as que ao seu ver são as mais comuns, que os colocam em “um 'limbo' entre 'sucesso' e 'fracasso'; não estão chegando até a faculdade, mas nem por isso se perderam na criminalidade, depressão e auto-flagelo”⁵⁶.

De fato, Beltrão e Sugahara constatarem que mesmo com todos os problemas envolvidos, o número de famílias que declarou que os filhos tiveram problemas na escola ficou na casa dos

⁵³*Ibid.*, pp. 207-210

⁵⁴*Ibid.*, pp. 212-13

⁵⁵BBC BRASIL. ‘Me sinto sem identidade’ diz jovem brasileira no Japão. *UOL*. 05/11/2012. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2012/11/05/me-sinto-sem-identidade-diz-jovem-brasileira-no-japao.htm>>. Acesso em 23 de abril de 2018.

⁵⁶*Idem*

22% e o de pessoas que afirmou ter se adaptado ao Japão superou os 80%⁵⁷. Ainda que timidamente, o governo japonês tem adotado medidas para a adaptação de brasileiros no país. Kawamura aponta que em alguns bairros operários, avisos são publicados também em português, já nos colégios, algumas escolas públicas com grande quantidade de estrangeiros tem tentado facilitar a adaptação de alunos como os brasileiros, contratando assessores que dominem o idioma português para intermediar a comunicação entre pais e alunos e facilitar a integração destes nas atividades cotidianas do colégio⁵⁸.

Entretanto, estes fatores não alteram a constatação de que a situação do imigrante brasileiro no Japão é dura e instável. Altas taxas de rotatividade nos empregos - que costumam a ser duríssimos e não muito bem remunerados para os padrões locais -, baixa integração com a população local e índices alarmantes de evasão escolar continuam sendo realidade. O número de brasileiros no Japão se reduziu drasticamente depois de 2008. Naquele momento, não apenas a situação da economia brasileira apresentava uma melhora globalmente reconhecida como a crise econômica no Japão ceifou o emprego de muitos que tinham ali se estabelecido. *Expulsos* do Brasil, milhares de imigrantes viram-se no segundo momento *expulsos* do país que os recebeu. Porém, o fluxo migratório não parece cessar. O fim do “boom” econômico no Brasil somado à certa recuperação da indústria japonesa fez com que em 2015 o número de entradas de brasileiros naquele país superasse o de saídas pela primeira vez em seis anos⁵⁹.

De acordo com Kawamura, a migração de brasileiros para o Japão pode ser comparada com a de nordestinos para o Sudeste brasileiro. O número de nipo-brasileiros vivendo no Japão já correspondeu a um total de 20% dos indivíduos pertencentes a este grupo étnico. Uma parte da família permanece no Brasil tentando desenvolver novas estratégias de sobrevivência, mas contando com o apoio financeiro que da outra parte, que está no exterior. Aqueles que estão fora buscam permanecer no estrangeiro apenas temporariamente, privando-se a todo momento de consumo e lazer, tentando enviar boa parte de seus ganhos para o país de origem⁶⁰. Relaciono os efeitos desta corrente migratória com o que Canclini chama de *desterritorialização*, a “perda da relação “natural” da cultura com os territórios geográficos e sociais e, ao mesmo tempo, certas realocações territoriais relativas, parciais, das velhas e novas produções simbólicas”⁶¹.

⁵⁷BELTRÃO; SUGAHARA op. cit., p. 77.

⁵⁸KAWAMURA, op. cit. p. 214-15

⁵⁹TOBACE, Ewerthon. Comunidade brasileira no Japão volta a crescer pela primeira vez em seis anos. *G1*. 05/06/2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/comunidade-brasileira-no-japao-volta-a-crescer-pela-1a-vez-em-seis-anos.html>>. Acesso em 25 de abril de 2018.

⁶⁰*Ibid.*, p. 159

⁶¹CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 309

De acordo com o autor, nos casos das migrações internacionais os contatos entre os que partem com a comunidade de origem são tão grandes que já não se pode falar em uma única comunidade. Nos tempos atuais, ressalta o autor, a noção de cultura autêntica só é sustentável atualmente como “ficção útil ou distorção reveladora”⁶².

Canclini afirma também que ao passo que uma identidade é desterritorializada tenta-se uma reterritorialização a partir da fixação de signos identitários que seguem exatamente estes tipos de característica, e que buscam diferenciar os que são locais dos que são migrantes ou estão de passagem. Por sua vez, os intercâmbios culturais não fazem sumir as perguntas pela identidade e pelo nacional e não apagam os conflitos, mas ajudam a repensar a autonomia de cada cultura com “riscos menos fundamentalistas”. Afinal, cruzamentos intensos e instabilidade de tradições podem ser fontes de preconceitos e confrontos. Canclini conclui que “hoje” todas as culturas são de fronteira. No entanto, afirma que “em toda fronteira há arames rígidos e arames caídas”. Balibar o reitera afirmando que o mundo atual é um mundo cada vez com mais fronteiras. O que se está perdendo é a relação entre fronteira e território, dada a constante fluidez destas⁶³.

Utilizando do psicanalista André Green, o filósofo francês afirma que já é difícil viver em uma fronteira, mas que isso não é comparável a *ser* uma fronteira⁶⁴. Enquanto no Brasil os nipo-brasileiros são reiteradamente imaginados como uma *minoría modelo* como o explicitou Bolsonaro, em muitos casos seus familiares que imigraram ao Japão estão ao mesmo tempo - como diria Varikas -*dentro* daquela sociedade, sendo submetidos a uma lei geral, ainda que sem desfrutar de uma igualdade de direitos e *fora* dela, por em certos casos encontrarem-se excluídos de determinadas profissões, em grande medida do sistema educacional, sem acesso pleno ao direito jurídico e político, inserindo-se parcamente na comunidade geral⁶⁵. Configura-se deste modo o que Balibar considerou um profundo caráter da luta de classes no contemporaneidade. Sua principal manifestação atual se dá através da globalização, gerando um número crescente de minorias que não se situam no interior do Estados mas estão em espaços mais amplos e em constante reestruturação. Neste duríssimo processo de marginalização decorrente da transnacionalização, há os que se adaptam muito bem, e dos que não o fazem podemos sempre esperar reações violentas, afirma o filósofo⁶⁶.

⁶²*Ibid.*, p. 314

⁶³BALIBAR, op. cit., p. 92

⁶⁴*Ibid.*, p. 84

⁶⁵VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figuras do pária*. Editora Unesp, 2014, p. 80.

⁶⁶BALIBAR, op. cit., p. 130

Segundo Bourdieu, o sociólogo (e acrescento, também o historiador) deve ser "capaz de construir um caso particular para fazer aproximações, para inscrever o caso particular numa série de casos em que ele manifesta ao mesmo tempo toda sua particularidade e toda sua generalidade"⁶⁷. Reinsiro aqui a figura de Kate Yuri Oishi em sua tentativa de *roubar uma identidade*. De acordo com Ogilvie, o processo de aquisição de identidade passa pela eliminação de diversas representações de mundo existentes em uma gama quase infinita de estruturas que se mostram impertinentes a um indivíduo. Este processo jamais é completado e ocorre como uma espécie de intercâmbio que substitui a liberdade da não diferença pela subserviência a uma identidade funcional. A ausência de funcionalidade pode ter na violência alguns de seus efeitos mais nefastos. Para o autor, a violência não é "algo" ou a origem de qualquer fenômeno mas sim um resultado, advindo dos processos de coerção e de resistência que pode rapidamente sair do tolerável para o intolerável ou do físico para o político. Não existem nem limites e nem grau zero de violência. O que existe são variações de intensidade e orientação⁶⁸.

O momento em que a fala de Bolsonaro encontra a atitude de Oishi talvez se traduza numa declaração proferida pelo cônsul geral do Brasil em Tóquio, após uma rodada de visitas aos presidiários brasileiros no Japão. "Quando conversei com os presos brasileiros, fiquei surpreso com o nível de pessoas que estavam ali. A maioria é de classe média e que você nunca imaginaria encontrar numa prisão" afirmou o diplomata⁶⁹. Uma análise do episódio envolvendo Oishi exclusivamente que parta exclusivamente do tautológico e do midiático representa em minha opinião a perda de uma grande oportunidade. É necessário discutir a relação das identidades essencializadas localmente com aquilo que estruturalmente intensifica a violência. O assassinato de Okada, e isso não o torna menos triste, será muito mais compreensível se pudermos enxergar sua crueldade como o resultado extremo de uma grande gama de processos concomitantes, que não se separam nem de episódios locais ao seu meio, nem da transnacionalidade que caracteriza a situação dos "brasileiros no Japão" ou dos "japoneses no Brasil", nem das atuais tendências geradoras de *expulsões*, características do atual estágio do capitalismo.

Fontes:

⁶⁷ BOURDIEU, op. cit. 182-3

⁶⁸ OGILVIE, Bertrand. El hombre desechable: Ensayo sobre las formas del exterminismo y la violencia extrema. Trad. Victor Goldstein. Buenos Aires: Nueva Visión, 2013, p 54

⁶⁹ Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150518_decassegui_violencia_et_lab>. Acesso em 26 de abril de 2018.

ALVES, Murilo Rodrigues. Japão volta a atrair imigrante brasileiro. *O Estado de São Paulo*. 02/04/2016. Disponível em <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,japao-volta-a-atrair-imigrante-brasileiro,10000024376>>, acessado em 26 de abril de 2018.

BBC BRASIL. Brasileira acusada de crime no Japão tem destino incerto. *Terra*. 28/05/2014. Disponível em <<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/brasileira-suspeita-de-crime-no-japao-tem-destino-incerto,1773bea091246410VgnCLD200000b0bf46d0RCRD.html>>, acessado em 23 de abril de 2018.

BBC BRASIL. ‘Me sinto sem identidade’ diz jovem brasileira no Japão. *UOL*. 05/11/2012. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2012/11/05/me-sinto-sem-identidade-diz-jovem-brasileira-no-japao.htm>>, acessado em 26 de abril de 2018.

DOLZAN, Márcio. ‘Não podemos abrir as portas para todo mundo’ diz Bolsonaro em palestra na Hebraica. *O Estado de S. Paulo*. 03/04/2017. Disponível em <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,nao-podemos-abrir-as-portas-para-todo-mundo-diz-bolsonaro-em-palestra-na-hebraica,70001725522>>, acessado em 26 de abril de 2018.

JORNAL NIPPAK. Jovens brasileiros deixam topo do ranking de crimes no Japão após uma década de liderança. *Jornal Nippak*. 13/04/2012. Disponível em <<http://www.portalnikkei.com.br/japaocomunidade-brasileira-jovens-brasileiros-deixam-topo-do-ranking-de-crimes-no-japao-apos-uma-decada-de-lideranca/>>, acessado em 25 de abril de 2018.

PORTAL MIE. Brasileira confessa assassinato da amiga japonesa em nome de um sonho. *Portal Mie*. 24/03/2017 Disponível em <<http://www.portalmie.com/atualidade/noticias-do-japao/crime/2017/03/brasileira-confessa-o-assassinato-da-amiga-japonesa-em-nome-de-um-sonho/>>, acessado em 26 de abril de 2018.

SARMENTO, Cláudia. No Japão, brasileira é suspeita de matar e esconder corpo de enfermeira em container. *O Globo*. 28/06/2014. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/brasil/no-japao-brasileira-suspeita-de-matar-esconder-corpo-de-enfermeira-em-container-12629198>>, acessado em 21 de abril de 2018.

TOBACE, Ewerthon. Comunidade brasileira no Japão volta a crescer pela primeira vez em seis anos. *G1*. 05/06/2016. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/06/comunidade-brasileira-no-japao-volta-a-crescer-pela-1a-vez-em-seis-anos.html>>, acessado em 27 de abril de 2018.

TOBACE, Ewerthon. Policiais aprendem português para enfrentar criminalidade brasileira no Japão. *BBC Brasil*. 02/06/2015. Disponível em

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150518_decassegui_violencia_et_lab>, acessado em 26 de abril de 2018.

TOBACE, Ewerthon. 'No Japão, terra dos meus pais, descobri que sou 100% brasileiro'. *BBC Brasil*. 01/06/2015. Disponível em

<http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/06/150512_depoimento_decassegui_ewerton_lab>, acessado em 26 de abril de 2018.

Referências Bibliográficas:

BALIBAR, Etienne. *Violencias, identidades y civilidad*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2005.

BELTRAO, Kaizô; SUGAHARA, Sonoe. Permanentemente temporário: dekassegus brasileiros no Japão. *Rev. Brasileira de estudos populacionais*, vol.23, nº1, p. 61-85, 2006.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas – Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: UNESP, 1998.

CARDOSO, Ruth. *Estrutura familiar mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Kaleidos-Primus Consultoria e Comunicação Integrada, 1998.

HARVEY, David. *O novo imperialismo*. São Paulo: Loyola, 2004

KAWAMURA, Lili. *Para onde vão os brasileiros?* Campinas: Editora Unicamp, 2003

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

LESSER, Jeffrey. *Uma diáspora descontente: os nipo-brasileiros e o significado da militância étnica (1960-1980)*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

MACEDO, Nathan Bueno; Letícia Nuñez Almeida. Dekasseguis e as Penitenciárias: pesquisando as fronteiras entre o Brasil e o Japão. *Conexões Culturais – Revista de Linguagens, Artes e Estudos em Cultura*, vol 1, nº 1, p. 317-332, 2015.

OGILVIE, Bertrand. *El hombre desechable: Ensayo sobre las formas del exterminismo y la violencia extrema*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2013.

ROSSINI, Rosa Esthér. Lugar para viver é aqui. Lugar para sobreviver é lá: Migração internacional do Brasil para o Japão. In: *XII Encontro Nacional de estudos populacionais*, 2000, Caxambu, 2000, p. 1-14 (Anais eletrônicos).

SASAKI, Elisa. Dekasseguis: migrantes brasileiros no Japão. In: *Anais do XI Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP*, 1998, Caxambu, 1998, 578-603 (Anais eletrônicos).

VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: figuras do pária*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.